

CIBORGUES, SUBJETIVIDADES MAQUÍNICAS, CÍBRIDOS E HÍBRIDOS NO IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO

Luiz Antonio Garcia Diniz

luizdiniz953@yahoo.fr

<http://lattes.cnpq.br/0201307167140486>

INTRODUÇÃO

*Quando criança, eu queria ser um trem. Não percebia que isso era incomum – as outras crianças brincavam com trens, não de ser um. Gostavam de construir trilhos e impedir que os trens saíssem deles. De vê-los passar por tuneis. Eu não entendia isso. O que eu gostava era de fingir que meu corpo era composto por 200 toneladas de aço, impossível de ser parado. De imaginar que eu era feito de pistões, válvulas e compressores hidráulicos. Max Barry, *Machine Man*, 2011.*

Abordar a construção da figura do ciborgue, do cíbrido, do pós-humano e das subjetividades maquínicas, significa refletir sobre o imaginário contemporâneo e implicaria, em particular, olhar sobre as novas tecnologias digitais e o impacto por elas provocado nas subjetividades que as utilizam. Nos parece que as reflexões anteriores (século XX) e assentes sobre o conceito de modernidade ou ainda, de forma mais abrangente, sobre o projeto moderno, não dão conta da complexidade crescente do emaranhado de linguagens, construções artísticas, enfim, de pontos de vista não mais focados e estruturados em torno do conceito de sujeito.

Nos ateremos, portando, na reflexão sobre o processo da construção das novas subjetividades históricas que, embora não sendo fáceis de serem delineadas, se tornam fundamentais como objeto reflexivo, para que possamos compreender as implicações contemporâneas que o impacto que as novas tecnologias vêm provocando no que se refere às mudanças nas nossas capacidades perceptivas, sociopolíticas, artísticas e culturais. Tais mudanças trazem, como consequência, uma nova forma de apreensão do mundo assente nas linguagens produzidas no ambiente digital e, sobretudo, de sua nova materialidade, concorrendo para a produção de significações que a digitalidade proporciona.

Nosso artigo será estruturado, portanto, nos seguintes eixos fundadores: como se trata de subjetividades em contraposição ao conceito de sujeito clássico, nos ampararemos em Guattari na sua obra **Caosmose** (1992); na abordagem da subjetividade híbrida, recorreremos a um histórico da figura do ciborgue abordada pela literatura no século XIX em *Frankenstein e o novo Prometeu* por Mary Shelley e por Donna Haraway no seu Manifesto do Ciborgue(1985); figura objeto da obra *O Homem Máquina* de La Mettrie no século XVII analisada por Sérgio Paulo Rouanet (2003)e, finalmente, do ponto de vista de uma cartografia do *estar no mundo*, em ocorrência e conjuntamente, no mundo físico e no ciberespaço, enquanto subjetividade híbrida, por Peter Anders (1998).

Desse modo, questões como as relações entre ciência e arte, territorialização, desterritorialização, o ciborgue, o pós humano e o cibridismo, serão tratadas no entrelaçamento de suas ocorrências e nas relações criadas por elas. Tais questões são fulcrais e não podem ser negligenciadas a partir do momento em que toda reflexão, quer seja no campo da arte, da literatura ou das metodologias educacionais visando compreender as formas perceptivas em que se dá a interatividade envolvendo processos cognitivos dos atores envolvidos em todas as ramificações no interior das redes conectadas na WWW, passa pela compreensão das subjetividades no interior do universo digital (DINIZ, 2008). Tendo em vista que, geralmente, o que encontramos é mais um panorama apologético sobre os efeitos do impacto das novas tecnologias nos domínios do estético e da cultura em geral, optamos por colocar em evidência a relação entre a ciência a arte e tecnologia como campo de intersecção que concorre na construção de uma subjetividade híbrida.

Da produção de subjetividades

Para situarmos as conceituações sobre as subjetividades históricas, faremos uma pequena abordagem sobre as reflexões de Guattari (1992) na sua obra **Caosmose**. A proposta procura demonstrar diferentes pontos de vista para que possamos inserir no interior dessa reflexão maior o que apontamos como o surgimento cada vez mais

delineado da subjetividade híbrida.

Iniciaremos, assim, nosso enfoque, assinalando alguns pontos de vista sobre a definição de subjetividade e sua relação com dados históricos que concorrem para desenhar conceitualmente nessa interface homem/máquina, a subjetividade produto de sistemas de informação digitais, de herança genética e de contextos sociais, cujo eixo é a proposta desse artigo. Torna-se, desse modo, fundamental, a explicação de nosso caminho, nosso *parti-pris* com o sentido de esclarecer nossa metodologia.

Segundo Guattari (1992) podemos enumerar três eixos que nos levam à problematização e consequente definição das subjetividades. Esse caminho proposto pelo autor busca a superação da oposição entre sujeito individual e sociedade e, se levarmos mais longe esse raciocínio, reencontramos o pensamento de Foucault, no que se refere ao desaparecimento do Sujeito no sentido cartesiano do termo, ou seja, o *Eu penso, logo existo*, é substituído por *Algo pensa por mim*, ou *Algo pensa através de mim*. Reflexão que aponta para uma anterioridade cultural que nos precede. Consideramos que a conceituação de subjetividades de Guattari aponta para novos vieses reflexivos que acreditamos, permitem aprofundar a reflexão sobre o estatuto do humano na contemporaneidade. Lembrando que as subjetividades de Guattari não são produtos do pensamento determinista, nem do humanismo moderno.

Os três eixos reflexivos citados abaixo, envolvem o conceito de subjetividades propostos pelo autor apontam para a superação da oposição clássica entre indivíduo e sociedade.

O primeiro consiste na irrupção de fatores subjetivos no primeiro plano da atualidade histórica, o segundo, no desenvolvimento maciço de produções maquinicas de subjetividade e, em último lugar, o recente destaque de aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana (1992, p.11).

Dentre essas questões, privilegiaremos o segundo eixo, o desenvolvimento maciço de produções maquinicas de subjetividade. Em relação a esse aspecto, salientamos a seguir, alguns elementos que concorrem para a produção de subjetividades vinculadas aos dispositivos produtores de significação e que visam destacar a

heterogeneidade de seus componentes:

1. Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte;
2. Elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema, etc.
3. Dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.

O terceiro eixo se refere aos dispositivos de produção de signos, como por exemplo, o computador, que será tomado aqui como dispositivo e local de encontro em que se bifurcam potencialidades de produção de signos, ao mesmo tempo em que se coloca como prática cultural criadora de subjetividades. Nesse sentido, as tendências tecnológicas atuais nos conduzem a conceber ao mesmo tempo uma homogeneização universalizante e reducionista (GUATTARI, p.15) e uma heterogeneização, produto do esforço de singularização de seus componentes, quer dizer algo que se faz além daquilo que o dispositivo propõe. Essa evolução maquínica, como salienta Guattari, não pode ser julgada nem positivamente nem negativamente, tudo dependerá dos agenciamentos coletivos ou singulares de enunciação e, nesse sentido, a título de exemplo, o melhor uso desse dispositivo seria o de criação, a saber, a criação de universos de referência ou territórios existenciais e, o pior seria a mass-mídialização, à qual são submetidos hoje em dia milhões de indivíduos, como podemos observar na publicidade e nas indexações do ponto de vista do poder nos jornais e revistas distribuídas em qualquer consultório, aeroporto e, claro, na Internet.

Essas definições de subjetividade e os dispositivos de suas produções são, desse modo, matéria de reflexão e concorrem tanto para produção das subjetividades territoriais, como de suas reterritorializações, as quais constituem universos existenciais ou culturais em que se sedimentam. O conceito de subjetividade contraposto ao de sujeito, corrobora na compreensão das novas subjetividades produtos desse ser humano maquínico em estreita relação com dispositivos produtores de signos. Peter Anders, considera esse indivíduo contemporâneo como produto de uma relação espacial, aquela desenvolvida no ciberespaço e uma outra situada no que consideramos a base referencial

em que estamos mergulhados, sociedade, família, relações de trabalho, etc.

Em relação às subjetividades reterritorializadas, entendemos as construções das subjetividades no campo em que os vínculos entre ser humano e máquina são tensionados de forma a enfatizar relações que tendem a abolir as fronteiras do maquínico como elemento que diferenciaria o humano de uma construção tecnológica. Trata-se aqui das reterritorializações culturais afim às produções artísticas ou, como denomina Guattari, como o campo dos territórios existenciais ou culturais. Vale lembrar as ocorrências na produção literária, como o sugere os grandes clássicos da chamada ficção científica como, por exemplo, *Minority Report* e *Blade Runner* de Philip Dick e, de um ponto de vista da materialidade e reflexão sobre a singularidade do ser humano, *Total Recall*, obra que aborda a memória como conjunto de informações que podem ser implantadas em um indivíduo singular criando, dessa forma, uma subjetividade implantada e não menos “real” que aquela vivenciada e acumulada na memória que cultivamos e reivindicada como algo único, singular e irrepitível. Um exemplo do tratamento dessa questão no domínio do cinema é o filme *Matrix*, cujas personagens transitam do mundo físico para a *Matrix*, construto simulado da realidade e, ao mesmo tempo, condição para que a alienação dos humanos em relação às máquinas seja realizada.

No manifesto do ciborgue, Donna Haraway (1991), se posiciona de forma crítica sobre a busca desse “humano” ou de uma essência humana que o destacasse como substância, diferenciando-o, dessa forma, da máquina como algo externo, construído e mera construção tecnológica existindo fora do campo biológico e cultural humano. Visão típica do iluminismo que tende a esquecer que a figura do humano só encontra espaço na inter-relação que se estabelece entre a ciência, a cultura e as tecnologias responsáveis pela construção histórica do humano, a qual, resulta de uma mediação entre máquinas por ele criadas e a criação do humano pela máquina (HARAWAY, 2005, 15). É o conjunto desses enunciados no plano da cultura que definem o humano e não a mera construção tecnológicas desses dispositivos utilizados e caracterizados por funções.

Os ciborgues, como ressalta a autora, são construídos pelo orgânico e o tecnológico, carvão e silicone, liberdade e estrutura, história e mito, riqueza e pobreza, estado e sujeito, modernidade e pós-modernidade. Essas características ou elementos

são presentes na figura híbrida da literatura clássica como *Frankenstein* de Shelley, ou a cívrida de Gibson em *Neuromancer* e, consideramos como possível hipótese, é a presença da linguagem como vetor de existência e de materialidade e responsável pelas definições que a cultura produz resultantes da relação estabelecida entre o maquínico e o biológico.

Não se trataria mais de definir o humano, sua essência ou substância, mas sim, de compreender como os processos operados pela linguagem constroem tanto a figura do humano maquínico como do maquínico humanizado, ou na ocorrência de nossa reflexão, do ciborgue como figura central. Devemos ressaltar, que do nosso ponto de vista, os enunciados culturais produzidos pela linguagem são, em primeira instância, a materialidade da cultura e das figuras emblemáticas que permeiam o imaginário contemporâneo. Fora do universo da linguagem e dos signos não haveria meios de situar, reler, pensar a cultura e todos os pontos a que nos propomos de refletir aqui. Então, a questão que se coloca, poderia ser situada dessa forma: a linguagem como discurso construído por códigos é humana? Ou encontraria similaridades em outras espécies biológicas? Como separar o biológico da interface que a linguagem como conjunto de signos não biológico propõe? Se a linguagem constrói discursos, enunciados e busca a definição da vida biológica, das funções científicas, dos conceitos filosóficos e das produções artísticas, como separar o enunciado da subjetividade histórica que a anuncia?

O mito do ciborgue e a subjetividade cívrida

A cyborg is a cybernetic organism, a hybrid of machine and organism, a creature of social reality as well as a creature of fiction. Social reality is lived social relations, our most important political construction, a world-changing fiction.
Donna Haraway

Na trilha das reflexões sobre a intensidade das mudanças que as novas tecnologias, em relação estreita com a ciência, promoveram nas últimas décadas, há de destacar, em particular, a questão do conceito de humano. O chamado pós-humano, ou o humano maquínico, vem ocupando espaço nas mídias tanto acadêmicas, quanto nas ficções literárias e fílmicas e, por isso, acreditamos que explicitar essa questão torna-se

importante e necessário. LaymertGarcia dos Santos (2005), resume, de forma concisa e esclarecedora, a três eixos os diferentes pontos de vista sobre a pós-humanidade e às categorias do humanismo. O primeiro seria a via da singularidade, a qual entende o pós-humano como uma superação do humano considerado como dispositivo maquínico superado, uma espécie de hardware falho, que recorre às próteses e a inteligência artificial para estender sua performatividade. Entendemos que o desdobramento desse pensamento nos levaria a uma evolução no que se refere ao estatuto do humano e aponta para uma nova espécie de vida, aquela do domínio da robótica se assentando na figura do robô.

O segundo, se estruturaria na viada transformação biotecnológica ou biogenética. Nesse caso, não haveria uma superação do humano, mas sua transformação ou melhoria. A evolução, nesse sentido, se daria a partir de uma transformação genética e, como explicita o autor, essa segunda linha seria menos radical que a primeira, pois não postula necessariamente uma obsolescência do humano, mas inaugura aquilo que alguns estão chamando de um novo tipo de eugenia. Esclarecendo que a eugenia negativa é, do nosso ponto de vista, extremamente perigosa, pois postula uma seleção humana “boa” em relação a uma “deficiente” a qual, deve ser eliminada, para que os humanos “capazes” possam substituir a obsolescência do humano atual. Vale lembrar nesse sentido, a político-estética nazista e sua eugenia que levou à tentativa de supressão de “humanos deficientes”. Os pensadores alinhados ao produtivismo capitalista e a determinadas tendências da tecnociência são os defensores desse ponto de vista, substituindo a eugenia negativa para uma “positiva”.

O terceiro, avalia que os dois eixos acima citados, constroem, conjuntamente com a aceleração tecnocientífica e econômica, uma grande narrativa centrada na obsolescência do humano e do futuro, sob sua forma de pós-humano, como solução e projeção teleológica. Se pensarmos no projeto moderno e na “solução” sob a forma de adiamento e instância projetada sempre para o futuro, poderíamos considerar que, embora com especificidades, o processo não se difere muito, mesmo que com adornos futurísticos e tecnológicos.

De qualquer modo, o fato é que há uma reflexão sobre o estatuto do humano e sua

transformação para o maquínico sendo construída e, para nós, o que torna tal reflexão relevante é que as tecnologias – tanto biológicas, quanto maquínicas, estão modificando nossa percepção e, desse modo, construindo novas formas sensórias e novas formas de ver o mundo. Como resultado desse processo, temos, entre outros desdobramentos, novas linguagens que articulam essa percepção à comunicação e às construções culturais e artísticas que são, em primeira instância, nosso objeto de análise.

Para entender a preocupação do humano com seu próprio estatuto, voltaremos ao século XVIII, para situarmos essa questão na história e, dessa forma, esclarecermos que essa inquietação não é resultado das tecnologias digitais e científicas tal como a biotecnologia provocaram na contemporaneidade e sim, algo com o qual o ser humano sempre foi confrontado, ou seja, sua perenidade e as formas que as sociedades encontraram para que o efêmero fosse substituído, seja pela projeção de uma vida além da biológica, seja apontando para um futuro resultado de uma construção social, formas enfim, políticas, religiosas ou científicas, que buscam dar sentido, ou de criar redes de significações capazes de produzir sentido.

A expressão homem-máquina, título do livro organizado por Adauto Novaes, como esclarece Sérgio Paulo Rouanet (2003, p.37-64), vem do título de uma obra de La Mettrie escrita no século XVIII (La Mettrie nasceu em 1709 em Saint-Malo- França). Antes de passarmos à explanação dos pontos de vista de La Mettrie, devemos salientar que além das questões envolvendo a religião e a sociedade, a autonomia do indivíduo, passa pela política, moral, ética e controle, seja do social pelo do individual, seja do individual/biológico pelo do social. Assim, de fato, o que se encontra como pano de fundo é a questão política envolvendo a relação indivíduo e sociedade e, sociedade e indivíduo. A pertinência de analisar essas questões, se define mais claramente a partir do momento em que as projeções ficcionais ou conceituais que se desenharam no século XVIII e XIX, se tornaram realidade material com a ocorrência de respostas científicas e tecnológicas em relação à transformação do corpo humano, de sua estrutura genética, da clonagem, das experiências transgênicas e todo um conjunto de técnicas que possibilitaram a transformação do humano clássico ao humano transformado, ou como tal questão é tratada, pela emergência do pós-humano no século XX-XXI.

A obra *Homem-máquina* de La Mettrie foi escrita em 1748. O autor levou a extremos o pensamento de Descartes que considerava que os animais eram iguais a máquinas, para ele, o ser humano não diferia dos animais e seria apenas um conjunto de peças, de engrenagens que funcionariam independentemente da substância espiritual, como o pretendia Descartes (ROUANET, 2002,p.40-43). Essa autonomia do biológico reivindicada por La Mettrie o situa como ancestral do materialismo biologizante que ocupa o debate contemporâneo e, pela mesma razão, o coloca como o precursor do anti-humanismo moderno e igualmente como humanista. Segundo Rouanet, a questão é mais complexa, pois ele não é uma coisa ou outra, ele é uma coisa e outra. Na realidade, para nosso escopo nesse artigo, o que é mais relevante é a mudança de paradigma proposto por La Mettrie, quando este rompe com o espiritual em relação ao biológico. Tal mudança se encontra conceitualmente nas propostas dos pós-humanos citados mais acima e justifica essa digressão sobre esse autor.

A questão que entendemos como fundamental em um momento em que qualquer proposta no campo do social está sendo vista como pertencendo à sociologia e ao campo do político, logo parte do imaginário da utopia moderna, é que a divisão entre o estatuto biologista e o social estão em relação e permeadas por um diálogo constante. A nosso ver e dentro da reflexão que nos propomos a elaborar, consideraremos que há duas vertentes ou linhagens, como sugere Rouanet, importantes nesse campo do saber a serem investigadas. A primeira e do ponto de vista da sociologia determinista é a estruturação, ou redução de todos os problemas em torno do social, da sociedade e sua organização. A segunda seria levarmos em conta o biológico como componente e como dado proposto por La Mettrie e, teríamos, por consequência, a flexibilização desse tipo de determinismo histórico. Quer dizer, nem a sociedade como determinante na construção das subjetividades, nem o fator biológico existindo e construindo uma subjetividade puramente biológica. A ênfase em uma das duas linhagens levariam ao um reducionismo simplista e a esquecermos que somos produto de relações estabelecidas entre as duas linhagens e, talvez aí, as duas propostas possam se alinhar como o sugere Rouanet:

Nada impede que uma humanidade que se tornou científica e tecnologicamente autônoma se organize socialmente de modo a

assegurar a autonomia de todos os indivíduos: homens livres numa humanidade prometêica. Seria a reconciliação das duas linhagens, sobre um pano de fundo de um saber integrado, capaz de aceitar a herança biológica do homem, mas que a visse como um dado e não como um destino (ROUANET, 2002, p.62).

Damásio em *O mistério da consciência* (2000), aponta dois fatores que, no âmbito de sua pesquisa, definem a construção do **Self**, o qual pode ser definido como a consciência do Eu, embora distinguindo dois self (s): o Self biológico que pertence ao conjunto genético e o Self cultural. A importância do estudo de Damásio nos parece pertinente na medida em que, quando ele aborda a função biológica das emoções, característica reivindicada pelo vulgo como essencialmente humana, a emoção deixa de ser algo unicamente humano, quer dizer, algo que pertenceria à essência do humano e, encontra sua base científica na genética como parte dos mecanismos biorreguladores com os quais já nascemos equipados, bagagem biológica portanto, e entendendo que tais mecanismos cumprem o papel de nos ajudar na sobrevivência (2000, p. 77-88).

É bem verdade que, nas diferentes culturas e entre os indivíduos, existem variações nas expressões (emocionais), assim como também varia a configuração exata dos estímulos que podem induzir uma emoção. Mas o que causa admiração, quando se observa o mundo lá do alto, é a semelhança, e não a diferença. Aliás, é essa semelhança que possibilita as relações entre diferentes culturas e permite que a arte, a literatura, a música e o cinema cruzem fronteiras (p.77).

O que se evidencia pela análise do ser humano do ponto de vista da neurociência, é que há dois fatores responsáveis por sua construção enquanto ser historicamente situado: o primeiro é constituído pela genética e o segundo pela edificação cultural da subjetividade, a qual, em diálogo com o biologicamente dado (herança genética), arquiteta, por assim dizer, o humano contextualizado por sua pertença a um corpus social historicamente localizado.

No que se refere à definição do **self da natureza** e o **self da cultura**, Damásio (p. 293-298), à semelhança de outros pensadores, considera arriscado a polarização estabelecida por meio da oposição entre natureza e criação, quer dizer, a interrogação

assente no questionamento de que determinada questão cognitiva é moldada pelo genoma ou pela cultura, significando o ambiente ou a esfera sociocultural na qual os indivíduos estão mergulhados. Ressalte-se que as reflexões do autor estão estruturadas em duas linhas: o self central, em que o meio cultural desenvolve uma forma de subjetividade “social” e, o self autobiográfico.

É bem verdade que a conexão entre o self central e as estruturas que sustentam o desenvolvimento da memória autobiográfica se organiza sob o controle do genoma. O mesmo ocorre com os processos que fundamentam o aprendizado e permitem a modelagem dos circuitos corticais e subcorticais para que sejam estabelecidas as zonas de convergência e suas disposições. Em outras palavras, a memória autobiográfica se desenvolve e amadurece sob a vultosa sombra de uma biologia herdada (p.293).

Consciência ampliada

Quando nos referimos ao self pensando na dignidade única de um ser humano, pensando nos lugares e nas pessoas que moldaram nossas vidas e que afirmamos nos pertencer e viver em nós, estamos falando, evidentemente, do self autobiográfico. Este é o estado cerebral para o qual a história cultural da humanidade tem maior importância (DAMASIO, 2000, p.294).

Por esse viés reflexivo, Damásio no que se refere à consciência e como condição de estar no mundo como humano estabelece as seguintes distinções processuais que operam na construção do humano: o self central e a consciência central, o self autobiográfico e a consciência ampliada. Esta é responsável pela capacidade dos organismos humanos da exploração maximizada de suas capacidades mentais, como por exemplo, a criação de artefatos úteis, levar em consideração a mente de outra pessoa, entender as mentes coletivas, entre outras. Vale lembrar que para Damásio, a herança genética é colocada como hipótese fundadora e reguladora do organismo, isso, levando-se em conta, a garantia de sua sobrevivência. Nos ateremos, portanto, tendo em vista a complexidade de tal reflexão, à capacidade do humano da criação de artefatos úteis.

É nesse ponto, fundamental para todo pensamento envolvendo tecnologia e

cultura, em que o humano na era digital criou as condições, no que se refere ao fato da criação de ferramentas, para um salto qualitativo que o permitiram “viver” no ambiente criado: o ciberespaço na condição de híbrido, viver biologicamente em uma instância “física”, como consciência, arquiteto e subjetividade em um universo no qual proliferam as máscaras, os travestimentos de seu self autobiográfico elaborado por Damásio, como subjetividade maquínica por Guattari e como subjetividade híbrida por Peter Anders.

O ciberespaço é para Anders (1998), a extensão eletrônica do espaço cognitivo e assinala que arquitetos (designers) do ambiente digital já conheciam o poder que esses espaços têm na imaginação; os computadores não são só ferramentas, eles mudam a verdadeira substância do design; por meio de computadores designers podem criar espaços tanto para as mídias físicas como não físicas. Assim, Anders no seu trabalho reflexivo sobre os Híbridos, conceitua a convergência do espaço físico e do ciberespaço. De um lado, estabelece a relação do espaço cognitivo com o ciberespaço e, de outro, o ciberespaço na construção do meio ambiente em torno do qual estamos imersos.

A subjetividade híbrida é uma forma de subjetividade que permeia o imaginário de grupos sociais e constrói, de certa forma, linguagens que caracterizam conjuntos de identificações e encontram na produção artística, como já citamos alguns exemplos, presença marcante. Há, por exemplo, na produção domingada de [Masamune Shirow](#), intitulada [Ghost in the Shell e o Man/Machine Interface](#), lançados em [2002](#), a ocorrência da figura do ciborgue, do híbrido e do ser já não híbrido, mas encontrado sob a forma de um construto arquitetado por pura informação. Na obra de Gibson *Idoru*, deparamos, igualmente, com figuras híbridas e já se desenha na personagem *Idoru*, construto puramente informacional, uma forma autônoma de inteligência artificial.

À guisa de conclusão, gostaríamos de assinalar que o que foi importante de destacar na nossa reflexão, é o fato de que os autores mencionados nesse artigo, independentemente das especificidades de suas pesquisas, apontam para um humano produto de fatores envolvendo as tecnologias digitais, a herança genética e a cultural como elementos modeladores da subjetividade. A questão da cultura pode ser recortada, como o fizemos nesse estudo, na intersecção e na relação que as tecnologias digitais, ou a digitalidade crescente, estabelece com o humano, quer seja do ponto de vista de

Guattari tomado enquanto subjetividade maquínica, seja do ponto de vista do biológico, reivindicado por La Mettrie e Damásio, como da subjetividade cíbrida elaborada por Peter Anders.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANDERS, Peter. **Cybrids**. Convergence, 1998. Disponível no endereço eletrônico: <https://wiki.cc.gatech.edu/scqualifier/images/e/ef/Cybrids.pdf>. Acesso em 2008.

DAMÁSIO, Antonio. **O mistério da consciência**: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Trad. De Laura Teixeira Motta, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DINIZ, Luiz Antonio Garcia. **Hipertexto, Cibercultura e Cibercidade**: A literatura e as artes na era digital. Tese de doutorado, UNESP, 2008.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

HARAWAY, Donna. **Simios, Cyborgs and Woman**: The Reinvention of Nature, New York: Routledge, 1991.

_____. **The companion species manifesto**: Dogs, people, and significant otherness. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2005.

ROUANET, Paulo Sérgio. **O homem-máquina hoje**. In Adauto Novaes (org.) **O Homem Máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Laymert Garcia. **Demasiadamente pós-humano**. São Paulo: Novos estudos, CEBRAP, no. 72, 2005.

SOBRE O AUTOR

Graduação em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, D.E.A. em Histoire de La Philosophie - Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) (1982), mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Realizou um estágio no Canadá em 2005/2006 (UQÀM/ÉAVM - École des Arts Visuels et Médiatiques). Atualmente realiza Pós doutorado no LABI-UFSCar: Criação e recepção nas instalações interativas relacionadas às mídias digitais. Atuação e experiência na área de Teoria Literária, com ênfase em Literatura e Filosofia, privilegiando os seguintes eixos de pesquisa: Semiótica da cultura, Filosofia, Instalações interativas, Cibercultura, Hipertexto, Cibercidade, Artes midiáticas, Relações intersemióticas e Interatividade